

A TECNOLOGIA NO NOVO TEMPO DE ENSINAR E DE APRENDER

São Bernardo do Campo/SP Maio/2016

Adriana Barroso de Azevedo - Universidade Metodista de São Paulo - adriana.azevedo@metodista.br

Lucivânia Antônia da Silva Périgo - Centro Paula Souza - lucivania.perico@cps.sp.gov.br

Tipo: RELATO DE EXPERIÊNCIA INOVADORA (EI)

Categoria: MÉTODOS E TECNOLOGIAS

Setor Educacional: EDUCAÇÃO MÉDIA E TECNOLÓGICA

RESUMO

O presente artigo traz à baila um relato de experiência inovadora desenvolvida na categoria métodos e tecnologias numa escola pública da cidade de São Bernardo do Campo, São Paulo. As atividades desenvolvidas junto aos professores do Ensino Médio da instituição buscaram promover a mudança na rotina de gestores, docentes e discentes, por meio do uso consciente e direcionado da tecnologia no cotidiano escolar. A experiência promoveu novas práticas e vivências significativas para todos os sujeitos envolvidos, rumando para a melhoria da qualidade das práticas pedagógicas, refletindo nos processos de ensino e de aprendizagem. O processo evidenciou que é a ação humana que promove a melhoria e faz com que a tecnologia tenha sentido, portanto, não é a ferramenta a protagonista, mas sim os agentes: escola, professores e alunos é que fazem a diferença. A tecnologia é mais um recurso que, quando bem usado, traz grandes benefícios.

Palavras-chave: educação; tecnologia; mudança; experiência

1 - Introdução

A tecnologia sempre fez parte da vida humana, desde a invenção do fogo até o advento dos equipamentos mais modernos, o Homem cria, recria e utiliza a tecnologia para a manutenção e melhoria de suas atividades.

Para Kenski (2012, p.18), tecnologia é o “conjunto de conhecimentos e princípios científicos que se aplicam ao planejamento, à construção e à utilização de um equipamento em um determinado tipo de atividade”. Segundo a autora, a evolução social da humanidade está diretamente relacionada às tecnologias desenvolvidas e empregadas em cada época.

Assim, temos a idade da pedra, a era do ferro, do ouro, do bronze, da agricultura, da produção industrial e da informática correspondendo a contextos históricos em que o homem alcançou melhorias na qualidade de vida, por meio dos avanços tecnológicos. Vale destacar que a melhoria não se deu apenas no plano individual, mas de maneira coletiva, englobando grande parte das ações humanas (ou todas elas).

Um dos ramos que não poderia ficar de lado é a educação. A tecnologia, em relação à educação, desempenha papel bastante relevante nos tempos atuais, porém precisa ser pensada quanto à proposta de ensino a ser desenvolvida, pois o uso da tecnologia enquanto instrumento não traz o retorno esperado. Ela deve servir aos propósitos educacionais como mediadora de conhecimentos. Coscarelli (2005, p.31) acredita que “Os professores precisam encarar esse desafio de se preparar para essa nova realidade, aprendendo a lidar com os recursos básicos e planejando formas de usá-los em suas salas de aula.”

É certo que há uma grande dificuldade dos educadores em utilizar as novas tecnologias em suas práticas docentes, por vários motivos: as novas tecnologias não existiam no seu tempo de aluno; muitas delas não eram conhecidas quando da sua formação como educador; por essa razão, seus formadores não utilizaram essas tecnologias; seus alunos têm facilidade no uso, porém nem sempre as veem como uma ferramenta para aquisição do conhecimento; a escola muitas vezes não oferece a estrutura ou a formação necessária para o manuseio das novas tecnologias.

Esses são, a grosso modo, alguns dos entraves encontrados pelos professores quando o assunto é utilização pedagógica das novas tecnologias. E por esses obstáculos, não é raro encontrarmos docentes que cometam equívocos no uso da tecnologia, por exemplo, projetar no *datashow* um conteúdo e pedir para os alunos copiarem no caderno. É sabido que o processo de cópia sempre ocorreu na escola. Antes da internet, os professores copiavam dos livros na lousa, e os alunos reproduziam no caderno. E quando uma pesquisa era proposta aos alunos, eles iam à biblioteca, copiavam dos livros ou enciclopédias.

Atualmente, o processo de cópia persiste, mudando apenas o suporte: O professor consulta um conteúdo na internet, copia e cola no Power Point (com adaptações ou não), depois projeta para os alunos, que copiam no caderno. E, em alguns casos, ainda, reproduzem na prova. São métodos do século XX para uma escola inserida no século XXI. Não espanta, portanto, os inúmeros questionamentos a respeito das práticas pedagógicas e da falta de interesse dos alunos.

Como afirma Azevedo, para a melhoria dos processos pedagógicos, é fundamental que a Educação se aproprie da tecnologia de maneira eficaz, pois o uso consciente e com propósitos delimitados “propicia um repensar da educação tradicional, a partir da renovação dos saberes e da possível e inevitável disposição para o diálogo dos docentes com os demais atores do processo

educativo”. (2012, p.87)

A tecnologia é um dos componentes relevantes para uma educação de qualidade, que não contempla apenas o uso da tecnologia, mas envolve um projeto pedagógico consistente e bem definido, a qualidade da formação de professores e gestores, o trabalho colaborativo e integrador de todos os agentes, dentre outros aspectos determinantes para a oferta de uma educação acolhedora, inclusiva e condizente com a realidade do alunado.

As tecnologias não são a base de uma educação de qualidade, mas são mediadoras e auxiliam na conexão do aluno com o mundo, no trabalho do professor e no aprimoramento de espaços coletivos de aprendizagem, que permitem a interconexão entre os sujeitos envolvidos no processo educativo.

As novas tecnologias devem gerar um posicionamento crítico do aluno em relação à sua realidade, para tanto, o professor tem papel fundamental na condução do aluno no que diz respeito à utilização da tecnologia para o aprendizado. O Relatório da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI da Unesco, iniciado em 1993 e concluído em 1996, conhecido como Relatório Jacques Delors, enfatiza o papel do professor como agente responsável por mudanças (DELORS, 1996), porém, para promovê-las, o professor precisa ter uma boa formação e ser consciente do objetivo final de aprendizagem que deseja alcançar com o recurso tecnológico utilizado.

A tecnologia por si só não traz aprendizado, a aquisição do conhecimento, tendo-a como mediadora, vem da correta utilização. Esse é dos grandes desafios enfrentados na busca por aumentar a qualidade na Educação, seja presencial ou a distância.

2 – A mudança: um desafio inovador

A adoção da tecnologia em sala de aula não ocorre da noite para o dia, tão pouco por imposição. É necessário, sobretudo, que o docente queira utilizá-la e encontre o recurso tecnológico apropriado ao objetivo pedagógico que deseja alcançar. Porém, para os docentes mais tradicionais, esta opção implica na capacidade de mudança.

Segundo Mussak (2014), a mudança ocorre de acordo com a conveniência. O Homem tem mais facilidade para promover mudanças físicas do que mudanças de hábitos, sendo hábito entendido como um modo recorrente de se comportar. Para o autor, os hábitos são aprendidos e incorporados pela repetição.

Mudar exige movimentar energias e sair do “lugar-comum”, esse processo nem sempre é bem quisto por aqueles que repetem há décadas os mesmos hábitos, porém, é uma ação necessária, pois permitirá que surjam novos caminhos, floresçam novos frutos, despontem novas oportunidades, desenvolvam-se novos aprendizados.

A repetição dos hábitos leva à acomodação, o que constitui-se numa barreira para a adoção de novas posturas pedagógicas. Neste sentido, os saberes docentes não devem ser negados, mas repensados e adaptados, pois a experiência é única, valiosa e parte do processo de formação do professor. Como afirma Santos (2002, p.98):

[...] no campo da formação docente, de forma crescente, vários estudos têm-se voltado para a compreensão dos processos por meio dos quais se constitui e se desenvolve o conhecimento prático dos docentes. Esses trabalhos buscam captar como, no cotidiano da escola, no dia-a-dia de suas atividades, o professor vai adquirindo um saber sobre sua profissão.

A tecnologia pode trazer inúmeros benefícios, dependendo do uso que será dado pela escola, por professores e por alunos, dentre eles é possível destacar: acesso à informação; ampliação dos recursos de comunicação; possibilidade de uso de simulados, animações e outros instrumentos de aprendizagem; utilização de softwares educativos; ambientes virtuais de aprendizagem que possibilitam expandir o espaço e tempo de aprendizagem para além da sala de aula; educação on-line e educação a distância.

São muitas as tecnologias disponíveis, ao professor cabe escolher a mais apropriada para o objetivo educacional que deseja desenvolver junto ao aluno. Desta forma, a inserção da tecnologia na educação não tira do professor a sua liberdade criadora, apenas amplia a sua importância, tornando-o um mediador, um facilitador, um tutor, um protagonista e um desbravador frente aos novos e ilimitados recursos pedagógicos possibilitados pela tecnologia. Nessa perspectiva, a mudança torna-se um desafio inovador para a educação.

3 – Motivar para utilizar: uma experiência vivida

Devido às dificuldades já citadas, para que o uso da tecnologia ocorra, é necessário um processo de sensibilização dos professores e gestores. Além do conhecimento operacional, é importante que a escola aprenda a fazer uso dessas tecnologias no que diz respeito à prática pedagógica no cotidiano da escola, para tanto, o grupo gestor deve incentivar essas iniciativas. É justamente neste ponto que nos propomos a refletir a respeito do desafio vivenciado: motivar professores e alunos a utilizarem a tecnologia nos processos de ensino e de aprendizagem.

Apenas para explanar brevemente o contexto, é válido explicar que este relato é uma ramificação da pesquisa de Mestrado, intitulada “Ensino Médio, língua portuguesa e portal educacional: percepções emergentes das narrativas de alunos inseridos em práticas de letramento digital”^[1], que traz um recorte da visão dos alunos para os quais a pesquisadora^[2] ministrou aulas nos anos de 2012 e 2013, usando um portal educacional como ferramenta mediadora. A dissertação mostrou o viés do aluno, neste artigo, no entanto, trazemos a reflexão a respeito da mudança promovida na escola.

A perspectiva adotada para explicitar os fatos é a narrativa da pesquisadora, que é uma das autoras deste artigo e vivenciou a experiência narrada. O suporte teórico e metodológico selecionado encontra-se em Clandinin e Connely (2011), que destacam a pesquisa narrativa, associando-a à teoria da experiência de Dewey, como o espaço tridimensional para investigação da narrativa que se desenvolve no conjunto de termos: *pessoal e social; passado, presente e futuro; lugar*. Ainda, assumindo as quatro direções que deve seguir a investigação: introspectiva, extrospectiva, retrospectiva e prospectiva:

Por introspectivo, queremos dizer em direção às condições internas, tais como sentimentos, esperanças, reações estéticas e disposições morais. Por extrospectivo, referimo-nos às condições existenciais, isto é, o meio ambiente. Por retrospectivo e prospectivo, referimo-nos à temporalidade – passado, presente e futuro. (CLANDININ e CONNELLY, 2011, p.85)

Portanto, neste artigo, buscamos explicitar por meio da narrativa, uma experiência investigada nessas quatro dimensões, tendo como espaço de interação o pessoal e o social; como continuidade o passado, o presente e o futuro, evidenciando que será feito um recorte temporal pelo pesquisador narrativo; e o contexto como lugar, sendo o campo de pesquisa no qual os sujeitos agem e interagem. Explicitada a metodologia, seguimos na narrativa da experiência investigada.

A instituição pública pesquisada possuía cerca de 1.200 alunos no Ensino Médio e cerca de 40 professores do Ensino Médio. Como docente da unidade, a pesquisadora foi convidada a coordenar o uso de um portal educacional na escola, situada na cidade de São Bernardo do Campo, e esteve na gestão do projeto entre os anos de 2012 e 2014, quando o contrato entre a empresa privada responsável pelo portal e o Governo do Estado de São Paulo foi encerrado. O projeto, por ser um investimento do Estado, tinha que atingir metas mensais, que eram periodicamente aferidas.

O cumprimento das metas do projeto pode ser entendido em três dimensões: a do desafio, a do incentivo e a da visualização do panorama de uso pela escola. As metas não seriam alcançadas se apenas a pesquisadora utilizasse o portal com as suas turmas de alunos; era necessário que outros professores e seus respectivos alunos fossem apresentados ao projeto e acreditassem nele.

A unidade escolar onde o projeto foi desenvolvido era composta por um corpo docente bastante diversificado, porém grande parte dos professores estava na instituição há mais de 15 anos, ministrava aulas diariamente e tinha pouca intimidade com o computador e a internet. Por isso, muitos eram reativos ao uso do portal educacional e das novas tecnologias em suas aulas.

Alguns criavam obstáculos para encobrir a sua dificuldade no manuseio do equipamento; outros apoiavam-se nos problemas técnicos, como internet lenta e o fato de os alunos terem que sentar em dupla, pois eram apenas 20 computadores para 40 alunos; enquanto outra parcela dizia-se sem tempo para explorar o portal educacional. Fato é que os professores não acreditavam no projeto, pois desde que havia sido implantado, em 2010, sob gestão de outro coordenador, os docentes não enxergavam como ele poderia contribuir para o desenvolvimento das aulas.

Embora o portal fornecesse formação continuada aos docentes, o recurso não conseguia atingir a especificidade de cada disciplina, a necessidade individual de cada professor e a proposta metodológica adotada por cada docente. O formador designado pelo portal vinha à unidade, ensinava aos docentes como utilizar a ferramenta, ia embora e o professor simplesmente esquecia o que havia aprendido, muitas vezes sufocado que estava com o cumprimento de prazos e preenchimento de documentos, impostos pela burocracia escolar, necessária, mas em alguns casos mais prioritária que a prática efetiva.

Neste viés, a escola precisa adotar uma prática reflexiva, que na visão de Alarcão (2010, p.90) corresponde a uma: “Organização que continuamente se pensa a si própria, na sua missão social e na sua organização e se confronta com o desenrolar da sua atividade num processo heurístico

simultaneamente avaliativo e formativo.” Portanto, é o repensar das práticas, que muitas vezes não encontra espaço no cotidiano escolar, atulhado de documentos e problemas emergentes e emergenciais.

Desta forma, é possível notar o perfil dos professores e alguns dos impedimentos encontrados. Porém, diante da necessidade do cumprimento de metas, por ter encontrado na utilização do portal educacional um recurso a mais para as aulas e por acreditar que os demais professores e alunos poderiam se beneficiar dos recursos disponíveis, a pesquisadora buscou estratégias para despertar o interesse dos colegas docentes e conquistar a adesão à proposta de utilização do portal nas aulas.

Por lecionar a disciplina língua portuguesa, primeiro passo dado pela pesquisadora e professora foi pegar o Currículo Escolar e o Plano de Trabalho Docente da disciplina e observar quais conteúdos os professores estavam ministrando. Notou que a professora do 1º ano estava trabalhando em Literatura o período colonial, portanto, o foco era o Quinhentismo. A partir daí, elaborou uma aula usando duas ferramentas do portal: a primeira era uma sequência didática em que o professor elaborava o conteúdo em etapas, mesclando textos, vídeos, músicas e outros recursos; a segunda era um questionário online, onde o professor elaborava as questões, indicando a resposta correta e, após o aluno responder, era gerado um relatório para o professor com a porcentagem de acertos, permitindo visualizar, inclusive, quais questões o aluno tinha acertado ou errado. Adotou o mesmo procedimento para o conteúdo do 2º e 3º ano do Ensino Médio.

Convidou individualmente cada professor a ir ao laboratório de informática da escola. Apresentou a proposta e disse que não tomaria tempo da aula e que o professor não precisava ir ao laboratório com os alunos, pois poderia pedir para fazerem toda a atividade em casa. Certamente, a disponibilidade e o interesse da pesquisadora convenceram os professores, pois todos aceitaram a proposta, sendo que ela responsável por solucionar problemas técnicos e, ao fim do prazo estipulado para realização da atividade pelos alunos, entregar a cada professor um relatório com o desempenho de cada um.

A partir dessa atividade, conseguiu abranger três professores de língua portuguesa apenas, porém, somando com os seus próprios alunos, só nessa primeira etapa, atingiu as 30 turmas do Ensino Médio. Gerando um número de acessos bastante significativo e, o mais importante, possibilitando o *feedback* dos alunos e a constatação para os professores de que algo bom poderia vir do uso do portal, uma vez que a resposta dos estudantes foi bastante positiva, o que incentivou os professores de português a continuarem usando.

Progressivamente, a utilização foi ampliando-se em muitas frentes: os alunos pediam aos professores de outras disciplinas para usarem o portal, já que ele oferecia diversas outras ferramentas e conteúdos teóricos; os docentes de língua portuguesa comentavam com os colegas a respeito da boa receptividade dos alunos e do sucesso que tinha sido a utilização do portal; a pesquisadora continuava a instigar outros professores, mostrando as ferramentas e apresentando propostas de uso. Após conquistar os professores de português, partiu para os de inglês, depois história, geografia, artes, educação física, biologia, química, sociologia, filosofia. Em pouco tempo, o portal foi se tornando parte do cotidiano da escola e da prática pedagógica dos professores.

Entretanto, obstáculos surgiram ao longo do processo e nem todos os professores aderiram ao projeto: matemática e física foram as disciplinas com maior resistência. Não é possível considerar que tenha sido porque o portal não oferecia recursos para essas disciplinas, tão pouco pela faixa etária dos professores, pois havia também professores bastante jovens ministrando aulas.

De maneira geral, é possível notar que mostraram-se resistentes porque ainda mantinham o hábito de reproduzir para os alunos os conteúdos e exercícios de um caderno (surrado) que utilizavam diariamente, sempre os mesmos exercícios, iguais para todas as turmas daquela série, repetidos todos os anos, até serem decorados pelo docente. Eram os mesmos professores que não faziam uso do livro didático, pois como muda o exemplar a cada três anos, eles não aceitavam o fato de terem novos exercícios a serem resolvidos. Essa barreira, no entanto, explica-se pelas observações de Tardif (2012) a respeito dos saberes docentes, onde afirma que as instituições formadoras dos professores e os lugares nos quais trabalharam delimitam a sua atuação. Dessa forma, a experiência aliada às bases teóricas constituem o saber docente. Sendo necessária uma ação transformadora para que novas práticas sejam incorporadas.

Outras barreiras foram encontradas ao longo do caminho: a estrutura oferecida no laboratório de informática; os alunos que não possuíam acesso em casa; a má fé de alguns alunos que insistiam em dizer que o portal estava fora do ar quando tentavam fazer as atividades, dentre outras.

Porém, para cada barreira foi sendo criada uma maneira de transposição. Se a questão era a estrutura do laboratório, a pesquisadora buscava na internet a maneira de solucionar um eventual problema técnico ou perguntava a pessoas da área; se era a falta de acesso, promovia a inclusão digital dispondo de horários no contraturno para atender alunos e professores no laboratório de informática; se o aluno dizia que o portal não funcionava em sua casa, agendava um horário para que ele fizesse a atividade na escola, para que a pesquisadora pudesse ver e reportar à equipe técnica do portal eventuais falhas no site.

Desta forma, o uso do portal educacional foi se consolidando na unidade escolar. Os professores descobriram outros horizontes, os alunos encontraram novas formas de aprender. Foi uma experiência muito rica para todos. É válido destacar neste processo também o papel da escola enquanto instituição comprometida, democrática e reflexiva. Seguindo a linha de Alarcão (2010, p.40):

A escola reflexiva não é telecomandada do exterior. É autogerida. Tem o seu projeto próprio, construído com a colaboração dos seus membros. Sabe para onde ir e avalia-se permanentemente na sua caminhada. Acredita nos seus professores, cuja capacidade de pensamento e de ação sempre fomenta. Envolve os alunos na construção de uma escola cada vez melhor.

O grupo gestor mostrou-se aberto a oferecer a professores e a alunos esse espaço de mediação, dando todo o apoio ao projeto e acreditando nas suas potencialidades, o que demonstra o olhar inovador e integrador que a boa gestão deve ter.

4 - Considerações finais

Este artigo contribui para a constatação de que o estudo mediado pelas novas tecnologias – não somente no Ensino Médio, mas também nos outros níveis de formação – pode trazer grandes vantagens ao aprendizado do aluno, sendo possível conciliar o ensino presencial com a educação online, na medida em que existam recursos físicos e motivacionais, proporcionando a ampliação do estudo além do horário e do perímetro escolar.

Diante das reflexões acima, é válido experimentar, testar e adotar práticas e ferramentas da EaD para complementação das aulas do Ensino Médio regular, uma vez que notamos ser possível conseguir bons resultados nos processos de ensino e de aprendizagem mediados por novos recursos tecnológicos.

Além disso, evidenciamos que, para que qualquer proposta inovadora tenha sucesso, fazem-se necessários o envolvimento e o interesse dos sujeitos participantes do processo de ensino e de aprendizagem, bem como a oferta de equipamentos que sirvam como suporte para desenvolvimento das propostas pedagógicas. Sendo de grande relevância o olhar reflexivo da escola para as suas práticas.

Moran (2007) lança algumas recomendações ao educador hoje, dentre elas: buscar o crescimento profissional, observando a mudança e aberto à atualização; por meio da leitura, estar atento à realidade social, econômica, política, cultura e social do país; participar dos projetos e atividades da escola; selecionar estratégias didáticas que visem à inclusão dos alunos e promovam o aprendizado de todos, sem discriminação ou exclusão; a todo momento, surpreender, conquistar e cativar os alunos; considerar o contexto no qual o aluno está inserido, a realidade desse aluno, para a partir desse ponto desenvolver as práticas docentes; ser participativo em associações e categorias na busca de melhores condições de trabalho e remuneração; utilizar diversos instrumentos de avaliação, além da prova tradicional; tornar-se um agente crítico e reflexivo sobre suas ações pedagógicas.

Tomando essas recomendações como referência, fica evidente o papel do professor e a importância da sua ação docente frente aos processos de ensino e de aprendizagem no novo tempo de ensinar e de aprender. Ciente de que a tecnologia não é o único caminho rumo ao conhecimento; mas, torna o trajeto mais enriquecedor e prazeroso. Porquanto a tecnologia não é sinônimo de qualidade; é a ação humana que promove a melhoria e faz com que a tecnologia tenha sentido.

5 - Referências

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos numa escola reflexiva**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

AZEVEDO, Adriana Barroso de. Desafios de uma formação inclusiva e de qualidade na EAD. In: AZEVEDO, Adriana Barroso de; JOSGRILBERG, Fábio Botelho; LIMA, Francisco José Sousa (Org.) **Educação e tecnologia na universidade: concepções e práticas**. São Bernardo do Campo: UESP, 2012.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. “Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o Século XXI”. 10 ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 1996.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa**: experiências e história na pesquisa qualitativa. Trad.: Grupo de Pesquisa narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

COSCARELLI, Carla Viana. Alfabetização e letramento digital. In: COSCARELLI, Carla. RIBEIRO, Ana Elisa (Org.) Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógica. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. 9 ed. Campinas, SP: Papirus, 2012. (Série Prática Pedagógica).

MORAN, José Manuel. Novos desafios para o educador. In: **A educação que desejamos**: Novos desafios e como chegar lá. Campinas, SP: Papirus, 2007.

MUSSAK, Eugenio. Novas atitudes para 2015. **Revista Você S/A** n° 198 - 01/12/2014 – Editora Abril. Disponível em <http://eugeniomussak.com.br/novas-atitudes-para-2015/> Acesso em 26 abr. 2016.

SANTOS, Lucíola L. de Castro. Formação de professores e saberes docentes. In: NETO, Alexandre S.; MACIEL, Lizete S. B. (Orgs.). **Reflexões sobre a formação de professores**. Campinas, SP: Papirus, 2002.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 13 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

[1] PERICO, Lucivânia A. Silva. **Ensino Médio, Língua Portuguesa e Portal Educacional**: percepções emergentes das narrativas de alunos inseridos em práticas de letramento digital. 2015. 227 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Humanidades e Direito, Universidade Metodista de São Paulo.

[2] A pesquisadora em questão é também uma das autoras deste artigo.